

## MAMMA MIA, DAMMI CENTO LIRE CHE IN AMERICA VOGLIO ANDAR

*Mariarosaria Fabris*

Resumo: Breve panorama da emigração italiana para o Brasil.

Palavras-chave: emigração italiana, cultura brasileira, literatura, música popular.

A Ida e Firminio,  
que me trouxeram para o Brasil.

*E pensare che,  
poco tempo fa,  
siamo andati tutti in America,  
dimenticando il cielo,  
attraversando il mare,  
per cercare pane e libertà,  
la felicità.*  
(Sergio Endrigo, Dall'America)

Em *La zia d'America*, que integra *Gli zii di Sicilia* (1958), Leonardo Sciascia traça o retrato irônico e carinhoso de uma família italiana, que, tendo melhorado de vida nos Estados Unidos, volta para visitar seu torrão natal. Na bagagem, além dos presentes para os familiares e do dinheiro que conhecidos de Nova Iorque haviam enviado para os parentes na aldeia, trazem um novo idioma, a língua ítalo-americana, ou seja, aquela corruptela do inglês forjada pelos imigrantes italianos, em geral originários do Sul do país, que, aos ouvidos dos falantes nativos devia soar quase como um *pidgin*.

Assim, das páginas do livro surgem palavras como *aiscule* (*high-school* = escola secundária), *aisebòcchese* (*icebox* = geladeira), *boifrendo* (*boy-friend* = namorado), *carro* (*car* = carro; em italiano o termo designa o carro de boi), *chendi* (*candy* = bala), *ciunga* (*chewing-gum* = goma de mascar), *cubbài* (*good bye* = até logo), *fáit* (*fight* = soco), *farma* (*farm* = fazenda), *giobba* (*job* = trabalho), *giuda* (*jew* = judeu; em italiano corresponde ao nome próprio Judas), *lofio* (*loafer* = vadio; em italiano *loffio* designa algo de frouxo, insosso), *orràit* (*all right* = certo!),

---

\* Professora de Língua Italiana junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

FABRIS, Mariarosaria. *Mamma mia, dammi cento lire che in America voglio andar.*

*scecchenze* (*shake hands* = aperto de mão), *sciaràp* (*shut up* = cale a boca!) *scioppa* (*shop* = loja), *sichinienza* (*second-hands* = segunda mão), *smarto* (*smart* = esperto), *storo* (*store* = loja), *uasetoppe* (*washtub* = máquina de lavar roupa), às quais podem ser acrescentadas *bisnisse* (*business* = negócio), *bosse* (*boss* = chefe), *broscia* (*brush* = escova), *collegio* (*college* = curso de graduação; em italiano o termo refere-se ao colégio interno), *cotto* (*coat* = casaco; em italiano significa cozido), *cunnàitte* (*good night* = boa noite), *fattoria* (*factory* = fábrica; em italiano o termo designa uma fazenda, uma granja), *muimpicce* (*moving picture* = cinema; lembra o termo italiano *impiccio*, que significa estorvo).

Na literatura italiana, ao que me consta, não há uma obra que fale da volta de emigrantes da América do Sul, na qual, provavelmente, poderíamos ter, do ponto de vista lingüístico, situações hilariantes, tanto quanto ou mais das descritas por Sciascia, uma vez que a proximidade das línguas levou inevitavelmente a uma maior confusão entre falsos cognatos. Assim, só para dar uma pequena amostra, os parentes ou amigos na Itália estranhariam muito ao ler numa *carta* (e não *lettera*, como deveria ser em italiano) ou ao ouvir pelo telefone que seus entes queridos moram numa *villa* e saem de *carro*, uma vez que lhes pareceria um disparate que alguém que more numa mansão possa sair num carro de boi.

Se falta um cronista italiano para esse registro do confronto entre duas línguas irmãs, não faltaram, porém, autores brasileiros que se debruçaram sobre a questão. Atualmente, José Clemente Pozenato, em *O quatrilho* (1985), mas sobretudo em *O caso do martelo* (1985), tem mostrado como o isolamento das colônias no Rio Grande do Sul favoreceu a manutenção de hábitos e como uma série de palavras italianas ou dialetais passaram a fazer parte do cotidiano de seus habitantes (“- *Gnente, dô parole*” = Nada, duas palavrinhas; “- *Un poro màto*” = Um pobre louco; “Uma salada de *radice*, temperada com vinagre tinto e *lardo* = almeirão / toucinho; “Quer dizer que vamos ter um *belo brodo* para a janta?” = um bom caldo; “Estou com a mão *tuta spòrca*” = toda suja); mas, já é clássico, em nossa literatura, o escracho e o desafeto com que, em *La divina incrensa* (1924), Juó Bananére - pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado - retratou os italianos, fazendo-os expressar-se em português macarrônico:

*“Migna terra tê parmeras,  
Che ganta inzima o sabiá.  
As aves che stó aqui,  
Tambê tuttós sabi gorgeá.  
A abobora celestia tambê,  
Che tê lá na mia terra,  
Tê moltos milliód di strella  
Che non tê na Ingraterra.*

*Os rios lá sô maise grandi  
Dus rio di tuttas naçó;  
I os matto si perdi di vista,  
Nu meio da imensidó.*

*Na migna terra tê parmeras  
Dove ganta a galligna dangola;  
Na mingna terra tê o Vap'relli,  
Chi só anda di gartolla”*

Os textos podiam ser paródias de obras conhecidas, como a poesia “Migna terra”, acima reproduzida, que evoca a célebre “Canção do exílio” (1843), de Gonçalves Dias, ou não, como este “Sunetto futuriste - Pra Marietta”:

*“Tegno una brutta paxó,  
P'rus suos gabello gôr di banana,  
I p'ros suos zoglios uguali dos lampió  
Lá da Igreja di Santanna.  
É mesimo una perdiçó,  
Ista bunita intaliana,  
Che faiz alembra os gagnó  
Da guerre tripolitana.  
Tê uns lindo pesigno  
Uguali cos passarigno,  
Chi stó avuáno nu matto;  
I inzima da cara della  
Té una pinta amarella,  
Uguali d'un carrapatto”*

Além disso podem ser lembradas inúmeras telenovelas, desde a antiga **Nino, o italianinho**, de Geraldo Vietri, até a recente **A próxima vítima**, de Sílvio de Abreu, nas quais, de forma bastante aproximada se tenta dar uma idéia do que seja a fala italianada numa série de bairros de São Paulo (Moóca, Brás, Barra Funda, Bela Vista ou Bixiga, etc.) onde foi grande a incidência dos imigrantes peninsulares. E, de fato, no início do século, São Paulo podia ser considerada uma cidade italiana, não só pelos hábitos alimentares ou pelo estilo arquitetônico de suas construções, mas até mesmo pelo emprego da língua, uma vez que os avisos municipais para pagamentos de impostos eram bilíngües.

Mas, recordemos rapidamente em que circunstâncias, se deu a chegada desse contingente humano vindo da península itálica. Embora se possa falar da presença de italianos em nosso território desde a época do descobrimento (e sobrenomes

FABRIS, Mariarosaria. *Mamma mia, dammi cento lire che in America voglio andar*.

tradicionais entre nós o atestam: Accioli, Adorno, Burlamacchi, Cavalcanti, Doria, etc.) e de alguns casos isolados antes do fim da década de 1870 (como Líbero Badaró, Giuseppe Garibaldi e outros exilados políticos), o grande êxodo para o Brasil aconteceu entre 1887 e 1902, quando 60% dos imigrantes que entraram no País eram italianos.

Embora numa canção tradicional vêneta, uma filha peça à mãe cem liras para poder alcançar a América (“*Mama mia dame cento lire / che a la Merica voglio `ndar...*”), o pagamento do transporte marítimo para o Brasil corria por conta dos fazendeiros e/ou governos estaduais, mas, em troca, o trabalhador ficava obrigado a um contrato de cinco anos e, a princípio, ao reembolso da passagem.

“*Partene `e bastimente / pe` terre assaje luntane... / Cantano a buordo: so` napulitane!*” diz uma cançoneta de 1920, evocando a partida dos emigrantes de Nápoles, embora o maior porto do êxodo tenha sido o de Gênova. As condições de viagem eram terríveis e estão registradas em várias obras, como **Sull’oceano** (1890), de Edmondo De Amicis, ou na seguinte descrição de 1899, reproduzida por Angelo Trento em **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil** (1989):

*“Os navios eram carcaças já muitas vezes dedicadas ao transporte de carvão, cargas de carne humana, amontoada e desprotegida, cuja passagem através do oceano era assinalada por uma esteira de cadáveres ceifados pela morte nas fileiras dos emigrantes mais fracos e doentes, das mulheres e das crianças, extenuadas, mal de saúde devido a alimentos malsãos ou insuficientes, pela falta de cuidados sanitários e, é triste dizer, pela falta de ar respirável na plenitude de um horizonte livre”.*

Vêneto, Trentino e Friul, seguidos de Campânia, Lombardia, Calábria, Abruzos e Molise, Emília e Romanha, Toscana, foram as principais regiões de origem dos italianos vindos para o Brasil. A grande maioria destinou-se ao campo, de acordo com os contratos de trabalho e isso caracterizou, por exemplo, a imigração no Rio Grande do Sul, para onde se dirigiram em geral os vênetos. Nesse sentido, é interessante lembrar a personagem da história em quadrinhos Radicci, criada pelo cartunista gaúcho Iotti, cujo nome (que deriva de *radicil/radicio* em dialeto, ou *radicchio*, em italiano, e significa almeirão), é uma homenagem aos vênetos, embora recentes pesquisas mostrem que o contingente calabrês foi muito grande, principalmente em Porto Alegre. Como agricultores, os imigrantes dedicaram-se ao cultivo de uva, feijão, milho, cevada, arroz, trigo, erva-mate, mandioca e também cana-de-açúcar, café e fumo.

No entanto, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo (estado que recebeu o maior fluxo), conseguiram exercer profissões também nas grandes cidades: na maioria dos casos pequenos misteres - alfaiates; amoladores; areeiros; artesãos; barbeiros; caldeiros; canteiros; carregadores; cocheiros; engraxates; ferreiros; funileiros; garçons; garrafeiros; homens do mar; jardineiros; marceneiros; marmoristas; mestres-de-obra; operários; pedreiros; pequenos comerciantes (de armarinhos, gêneros alimentícios, tecidos), que deram origem ao termo *carcamano* pois, dizia-se, tinham o hábito de fazer pressão na balança para roubar no peso; sapateiros; varredores de rua; vendedores ambulantes (de água, aves, cebolas, frutas, legumes e verduras, miudezas, peixe e, os garotos, de jornais), como registrado em algumas fotos de Marc Ferrez -, mas outros chegaram a ser artistas, jornalistas, médicos, músicos ou grandes comerciantes e industriais, entre estes os Briccola, Crespi, Lunardelli, Martinelli, Matarazzo, Morganti, Pinotti Gamba, Puglisi Carbone, Scarpa, Siciliano.

Os imigrantes italianos vinham quase sempre em busca de melhores condições de vida - fugindo da fome, da miséria causada pela crise no campo na década de 1880 e pelos altos impostos que haviam levado ao endividamento e ao confisco da pequena propriedade, e empurrados pelos que temiam convulsões sociais na Itália - e nas novas terras esperavam encontrar melhores condições de vida. A realidade, no entanto, nem sempre correspondia às expectativas. Cartas escritas por vênets a seus familiares entre 1876 e 1902 e recolhidas por Emilio Franzina em *Merica! Merica!* (1979) dão bem uma idéia das condições adversas que tiveram que enfrentar:

*“[...] Dopo il lungo e borascoso mare trascorso, arivamo all’America dove si credeva trovare le delizie della tera cioè lavorare poco e guadagnare molto, ma invece non è così, al contrario si lavora molto e si guadagna poco e si magna anche male perche di cibi non ano sustanza come quelli di Litalgia.*

*Qui ove ora io mi ritrovo il raccolto piú superfulo è il chafè che bisogna alsarsi a prima che spunta il giorno per recharsi al travaglio e si racolie alla sera a note avanzata così e di metodo braselero, poi al lavoro che siamo veniamo tormentati da molti inseti provenienti dai boschi vicini e alla sera quando si racoliamo alla note invece di riposare dobbiamo cavare certi bissi che si interano nei pidi che se non si levano subito, gonfiano le gambe e se non si governano possono prochurar la morte. In fine prima la Merica e poi Litaglia si dice di esser richa di bessi e di fortuna invece e richa di vermi e di travaglio.*

*La Merica al tempo dogi non è piú la Merica, qui la fortuna ormai e smarita, noi si ritroviamo alquanto bene per a posizione*

FABRIS, Mariarosaria. Mamma mia, dammi cento lire che in America voglio andar.

*perche vi è laria sana, laqua buona, ma il chaldo incesante che ora si sente perché siamo in estate ed inseti che ci tormente non si può vivere tranquilli, ti facio sapere che col giorno di San Stefano abbiamo finito di sapere la polenta. [...]*"

De fato, Sante Paparoto, o autor da carta acima, ao escrever para a esposa de Guabiobas (São Paulo), a 6 de janeiro de 1889, queixava-se do excesso de trabalho e da pouca remuneração, assim como da qualidade da comida. Contava-lhe que, além de labutar na colheita do café do amanhecer ao anoitecer, era atormentado por insetos e pelo bicho-do-pé. Constatava amargamente que a América não era mais a mesma para quem tinha vindo tentar a sorte, e, embora reclamasse do constante calor, elogiava a qualidade do ar e da água. Como tantos outros, Sante deve ter passado pela Hospedaria dos Imigrantes, onde, segregado, dormiu no chão e foi mal alimentado, antes de seguir para o Oeste do estado, na qualidade de meeiro ou assalariado, como a maioria dos que chegavam a São Paulo. No mundo fechado das fazendas paulistas, as coisas entravam a custo, médicos, instrução, jornais, diversão, cartas de parentes, religião, justiça, notícias de outros lugares, tudo dependia da aprovação do latifundiário. Mesmo os que conseguiam viver um pouco melhor, graças ao cultivo de gêneros de subsistência (em geral entre as fileiras de pés de café), percebiam o padecimento dos menos afortunados e começavam a aconselhar os outros a se informarem bem antes de embarcar na grande aventura. É o que se depreende desta carta que Giovanni Polese envia de Visconde de Rio Claro (São Carlos do Pinhal), no dia 8 de fevereiro de 1889:

*"[...] quando viene le corispondenze dal Bresile noi non ne aviamo; perche le letere che viene da questa provincia tante volte vano sbregate per la paura che andiamo soto un naltro padrone.*

*Per questo non possiamo avere corispondenza; il padrone vano lui alearle ala posta. [...] Forse che a me non mi farà questo torto, ma per paura che cambiamo padrone può farla. [...]*

*Adesso vi farò sapere che in quest'ano abbiamo un bel raccolto di biava e fagioli per 3 anni; ma noi questa di piú del bisogno la vendiamo che qui sono il comercio come in Italgia e aviamo dei magiali e una bestia da late, e galine e polami da mangiare e adesso qui si sta a basatanza bene, che si mangia bene e dogi giorno si lavora e si guadagna danari. Dunque speriamo se Dio ne conserva la salute, unaltro momento vedersi o noi in Italgia o voi in merica ma io vi consoglio, se avete questa lusinga informatevi prima perché sono un bruto viaggio da fare che adesso non si sente altro che*

*maledizioni, perché questi che viene adesso sono desfortunati che sono molta gente che viene dall'italia. In migrazione a San Paulo sono 11 mila emigranti e dorme per terra, fissi come le formiche, e mangia male e fanno maledizioni, l'uomo maledisse la donna e la donna maledisse l'uomo. E tanti vendono il suo per venire nel Brasile e poi si trovano male e restano ingannati. Qui sotto il nostro padrone sono ritrovati 8 famiglie ma anche quelle maledisse quella volta che sono partiti, che sono morti tanti dalla varola e i piccoli sono portati il caldo del bastimento e more quasi tutti. [...]*

*Charo socero ti spiegarò come viene le stagioni qui nel Brasile, i primi di marzo recolgiemo il nostro raccolto un bellissimo raccolto. In ottobre si pianta i nostri raccolti tutto per conto nostro, per 4 sapade all'anno si guadagna 40 fiorini per ogni 1.000 piante di caffè e quello che viene in mezzo sono tutto per conto nostro. Altro che abbiamo di brutto non abbiamo divertimenti, né osterie, né case, né preti, e più male di non avere il dottore da vicino. [...]"*

Mais de um século nos separa desses registros, quando, levados pela esperança numa vida menos dura e mais farta do que em seu país de origem, muitos italianos se aventuraram nas terras de além-mar. Estados Unidos, Brasil, Argentina..., tudo era América. *Andare in America*, isto é, ir para a América, para os camponeses era sinônimo de emigrar. E para cá vieram, com seus usos, seus costumes, deixando sua marca em todos os setores em que operaram. Um canto popular da chamada Região Colonial Italiana (Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Flores da Cunha, São Marcos, Antônio Prado e mais quinze municípios) resume bem toda essa epopéia e a consciência do papel que desempenharam na construção de uma nova sociedade:

*“De la Italia noi siamo partiti  
siamo partiti con grande onore  
trentasei giorni de machina a vapore  
e nela Merica noi siamo riva’  
Nela Merica noi siamo rivati  
No abiam trovato né paglia e né feno  
Abiam dormisto su ‘l nudo tereno  
Come le bestie che già riposa’  
E la Merica l’è longa e l’è larga  
L’è circundata dei monti e de piani  
E co’ la industria dei nostri italiani  
abiam formato paese e cità.*

FABRIS, Mariarosaria. *Mamma mia, dammi cento lire che in America voglio andar.*

*Oi Merica, Merica, Merica  
Oi Merica, Merica, Merica  
Oi cosa sarà la sta Merica  
L'è un bel mazzolino de fior"*

**Abstract:** Brief account about the Italian emigration to Brazil.

**Key-words:** Italian emigration, Brazilian culture, literature, folk music.

